



## FORMAÇÃO DOCENTE, ASPECTOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DE DIDEROT A CUNHA

Vanderlei Gularte Farias\*

Evandro Santos Duarte\*\*

**Resumo:** O presente trabalho se desenvolve a partir do texto *Formação do Professor Universitário: Tarefa de quem?*, de Cleni Maria Barboza Fernandes, e do texto *A problemática dos professores iniciantes: tendência e prática investigativa no espaço universitário*, das autoras Maria Isabel da Cunha e Beatriz Maria Boéssio Atrib Zanchet, juntamente com as ideias de Denis Diderot acerca da importância do conhecimento e das ciências numa formação para o esclarecimento do homem, problematizando aspectos que colocam a importância da formação pedagógica para atender novos paradigmas do ensino relacionados às novas demandas sociais. Reflete sobre a formação pedagógica docente lançar olhar sobre aspectos da dimensão humana e social na perspectiva da relação sua prática. Aponta para a necessidade de uma seminal formação pedagógica como condição ao ingresso na docência superior. Não basta dominar os conhecimentos específicos, é preciso saber ensiná-los a pessoas que convivem com profundas mudanças paradigmáticas. O professor precisa de um novo fazer para entender que é insuficiente conhecer, precisa saber aplicar os conhecimentos, transformando-os em ferramentas auxiliares nas relações humanas em sociedade com lições esclarecedoras. De estar atento e preparado, uma vez que seu objeto é o humano e o mesmo tem se modificado constantemente.

**Palavras-chave:** Ciência. Diderot. Docência. Formação.

### Introdução

Na perspectiva de intentar no fomento a uma reflexão acerca das questões que envolvem a temática ‘formação dos professores’ no ensino superior é que venho, por meio deste, problematizar alguns aspectos que justificam a defesa da necessidade em se pensar com seriedade sobre o tema em questão, realçando sua essencial importância para o êxito do processo de ensino nas instituições superiores, estimulando a reflexão acerca da ciência e dos

---

\* Mestre em Educação pela URI – FW. Professor na Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju, FW-RS. E-mail: [profvand@gmail.com](mailto:profvand@gmail.com)

\*\* Mestrando em Educação no PPGE-UFPEL na linha de Filosofia e História da Educação sobre Orientação da Prof. Dr. Neiva Afonso Oliveira. E-mail: [evandrosduarte@gmail.com](mailto:evandrosduarte@gmail.com)

conhecimentos postados na formação pedagógica do professor e que, por sua vez, será base para o exercício docente.

O tema, mesmo que de forma tímida vem sendo discutido nas instituições e em alguns cursos voltados para a formação humana. Apesar de visíveis barreiras impostas ao prosseguimento do debate pela supremacia do ideário mercantil presente nas diversas dimensões da sociedade, tem havido maior abertura acerca da necessidade ao amplo e transparente debate, muito em função das consequências de uma formação prioritariamente alinhada ao mercado com submissão total ao motor do atual modelo societário vigente, o consumo, possibilitando o esgotamento dos recursos naturais gerando a crise do sistema vida. A reflexão se justifica também pelo fato de que certas práticas, arcaicas e obsoletas, não mais propiciam atender às demandas formativas em função de uma necessária ressignificação político-pedagógica com a presença de elementos que venham agregar na busca de significação para o processo de formação de atores responsáveis pela formação do homem.

Em tempos onde o mundo científico ultrapassou barreiras até então inimagináveis como a manipulação do átomo, por exemplo, transformando-o em tecnologia atômica podendo servir tanto como energia limpa e benéfica quanto como em arma de poder letal imensurável, há de se questionar a quem serve tal ciência. Entre outras indagações como os motivos da percepção de uma considerável não valorização das ciências na busca do esclarecimento humano, assim como o aumento de um pensamento em que prevalece o senso comum, dada quantidade de opiniões sem contexto proliferadas principalmente nas mídias sociais, muitas vezes carregadas de informações totalmente manipuladas, estimulando ódio social.

Numa formação para formadores há a necessidade em se buscar a compreensão das narrativas, procurando esclarecer à luz das ciências, para que os sujeitos não se transformem em vítimas da ignorância promovida por empresários da comunicação, políticos e executivos a serviço de interesses do mercado e do poder que controlam a grande maioria das pessoas. Conforme Romano (2003) é imprescindível que o pensamento científico e racional possa sobrepor-se ao pensamento supersticioso, mágico, por vezes irracional, na compreensão do mundo físico e natural, tal como é, sem sombreamentos ou fantasias.

## **1 Formação pedagógica, condição ao novo docente**

A combinação entre a baixa intensidade na preocupação das universidades para com a formação pedagógica dos futuros formadores e ausência de políticas públicas eficientes, com

uma legislação ativa na concretização da mesma, embala a reflexão no sentido de se pensar acerca de qual ciência que é veiculado nos processos formativos, buscando a compreensão da forma como os conhecimentos são direcionados, bem como a finalidade a que se submete a ciência como um todo. Embora não seja regra, é um fato presente, principalmente com os aspirantes à função de professor universitário, conforme Cunha e Zanchet (2010), pelo fato de não haver critérios neste sentido. De certa maneira um pouco preocupante do ponto de vista da formação dos futuros profissionais que estes ajudarão a formar, pois não basta saber, é preciso saber fazer, saber ajudar a fazer, além de saber. Neste sentido a formação pedagógica e as inúmeras técnicas de ensino-aprendizagem facilitam o professor fazer compreender o seu saber, fazer com que se compreendam os seus conhecimentos, muito embora nada impeça que a iniciação na docência superior seja em virtude da carga de saberes, pelos seus conhecimentos específicos na área pretendida, ou até mesmo de maneira circunstancial, por obra de um conjunto de fatores paralelos e somatórios ao exercício da docência.

Cunha e Zanchet (2010) refletem esta preocupante situação dos jovens aspirantes à docência superior com relação a sua formação ao enfrentarem o atual contexto nas universidades. Desde o processo de massificação do acesso ao ensino superior, das dificuldades no domínio dos conhecimentos disciplinares, suas relações horizontais, bem como o diálogo com as demais áreas de conhecimento. São questões que se constituirão o cotidiano dos docentes e que, dadas circunstâncias e contextos porque passa a atual conjuntura do ensino superior, se transforma num imenso desafio que precisa ser posto em debate, pois isto também é discutir qualidade na educação, embora a formação pedagógica de professores seja muito mais condição, fundamentos, ao exercício da docência como prática.

A única certeza é a da necessidade em repensar o ‘Ser Professor’ no contexto em que se vive, devido à complexidade do sistema de ensino hoje. São fatores externos e internos que configuram o mundo educacional, em que alunos cada vez mais jovens chegam à universidade, precoces na etapa escolar, mas ainda imaturos e, de certa forma, ingênuos socialmente com um imenso aparato de opções e atrações interligadas ao mundo universitário. Tecnologias que evoluem dia-a-dia, facilitando o acesso à informação. Codificando os mais variados conhecimentos numa linguagem simbólica e sintética, superficial na maioria das vezes, afirmando o triunfo da imagem. Jovens que ingressam no ensino superior por imposição social, familiar ou pelo próprio sistema, mas que acabam vivendo uma profunda crise de sentido, da própria existência humana, refletindo, também, a insegurança que o mundo do trabalho traz. Fatores ideológicos que perpassam pelas instituições e somam nesse caleidoscópio de interrogações, caracterizações sócias culturais que refletirão na sala de aula.

Diderot (1952)<sup>1</sup> reafirma a ideia de que a ciência, bem como todos os conhecimentos devem estar a serviço do homem. Sem deixar-se manipular pela exacerbação entusiasta das ciências, supera a possibilidade de um relativismo científico ao criticar a limitação metafísica de algumas das ciências, como a geometria e a matemática. Prenuncia a possível revolução científica com a probabilidade de uma nova ciência, ao qual irá proporcionar que se conheça a utilidade de uma interminável gama de fenômenos pela natureza, reconhecendo assim, o quanto ainda há para se conhecer, bem como a relação com o útil ao dizer que “[...] a esfera de uma utilidade é infinitamente mais extensa que a de qualquer ciência abstrata, e porque é a base incontestável de nossos verdadeiros conhecimentos” (DIDEROT, 1952, p. 21). Uma clara tradução da tese de que o conhecimento deve estar a serviço do homem, ao mencionar a importância de sua utilidade.

O autor coloca a necessidade do vínculo entre a ciência e o entendimento, ou seja, da importância dos conhecimentos serem absorvidos claramente pela compreensão humana, afirmando:

Posto que as coisas existam sobre nosso entendimento, são opiniões, noções que podem ser verdadeiras ou falsas, aceitas ou rejeitadas. Não adquirem consistências senão enlaçando-se aos seres exteriores. Este enlace dá-se, ou por uma cadeia ininterrupta de raciocínios, unida por um extremo à observação e por outro à experiência; ou por uma cadeia de experiências dispersas, de espaço a espaço, entre raciocínios, como pesos sobre a longitude de um fio suspenso por suas extremidades. Sem estes pesos, o fio seria joguete da menor a agitação que se sentisse no ar (DIDEROT, 1952, p. 22).

Com isso, o autor deixa clara a fundamentação importância do entendimento e da compreensão sobre as coisas e sobre objetos postos, com relação à natureza. Como e qual será a lógica de raciocínio a ser compreendida? Conforme a maneira como se fará a relação entre a experiência e a observação, com as coisas dadas, então se dará o pretendido sentido para a ciência, cuja finalidade é a compreensão da natureza. Assim, o esclarecimento para a emancipação humana será o vetor que possibilitará o enlace para a consistência das coisas no espaço, firmando as extremidades para que o fio se transforme em caminho por onde todos os sujeitos possam transitar de forma tranquila, consciente e harmoniosamente com os conhecimentos historicamente produzidos e adequados para emancipação do homem.

A compreensão da natureza e de todos os processos que envolvem o seu desvelamento é tarefa árdua, difícil e que requer muito esforço. Diderot (1952) reconhece haver certa

---

<sup>1</sup> Como um dos principais responsáveis pela reunião dos saberes historicamente acumulados, seu pensamento se transforma em incentivo e estímulo à busca por conhecimento, imprescindível na formação do professor.

preferencia pelo saber superficial, uma vez que o mergulho nas profundezas deixadas pelas raízes do conhecimento esclarecedor necessita dedicação, esforço, e muita disciplina no seu aprofundamento. O mesmo é categórico ao afirmar que “[...] é mais fácil e mais rápido consultar-se a si próprio que à natureza. Assim, a razão é levada a permanecer a si mesma e o instinto a perder no exterior” (DIDEROT, 1952, p. 23). Atenta-se, nesse sentido à consciência do que é preciso transpor para conhecer a natureza tal como ela é. O mesmo vai explicitar a necessidade de se conhecer além do que nos rodeia a fim de acessar a todos os fenômenos para se conhecer o todo, já a indiferença a um fato isolado compromete a ideia deste todo, o que reafirma a hipótese de que o entendimento sobre a complexidade dos fenômenos naturais propicia a promoção de sujeitos esclarecidos. O homem é e precisa ser e sentir-se enciclopédia.

O professor precisa ter seu olhar nesta perspectiva. Necessita compreender, falar e se comunicar com o universo todo para, assim, trabalhar de maneira que vá atingir a todos com clareza e compreensão. Por isso a importância em pensar e repensar a formação dos professores no ensino superior vinculado, inclusive, com ativas políticas públicas de ensino para se apontar quais rumos seguir. Aqui se posta o viés do esclarecimento sobre uma ciência que possa ensinar a humanização dos conhecimentos no intuito de estimular a ética do cuidado, entre os homens e para com a natureza.

Conforme Gramsci (1982) o grande desafio é fazer com que de fato aconteça a interação dialética entre os sujeitos que protagonizam o espaço escolar, principalmente professores e alunos, na construção do novo conhecimento, que é a síntese dos conhecimentos implicados no processo. Para tanto a participação ativa de todos é imprescindível neste novo conhecimento, oriundo da construção do conhecimento pelo processo de ensinar, requerendo a competência do professor na condução do mesmo. Competência essa que não se compra, nem se traz por vocação, mas se constrói com formação continuada e através da experiência adquirida.

O ensino com a pesquisa, pela pesquisa e junto à pesquisa precisa se tornar uma prática cotidiana na universidade, não porque consta na legislação vigente, mas em função da sua eficácia. Por meio da não dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão que proporciona a prática dos conhecimentos teóricos na aproximação entre a teoria e a prática que, pelo princípio da dialética, vai criar, através da síntese, os novos conhecimentos. Assim a aula vai resgatar a sua essência que é a transformação num espaço de produção de conhecimento, conforme Fernandes (2002) enfatiza, dizendo que

Na perspectiva de outra compreensão de extensão e de extensão na própria universidade – campo sociocultural de *leitura de realidade* –, a pesquisa passa a ser um dos instrumentos de reflexão do ensino que pode abastecer a prática cotidiana universitária. Nesse sentido, a produção teórica de experiências com professores sem a formação pedagógica oficial, até mesmo em textos elaborados em parceria, tem sido a tônica para a apresentação e discussão em eventos nacionais e até internacionais (FERNANDES, 2002, p.108).

Importante salientar que a pesquisa é completiva, somativa na formação, até mesmo porque não se pode tomar como verdade absoluta de que um pesquisador muito bem qualificado necessariamente se transformará num competente professor, “pois, se assim fosse, o ingresso na carreira docente de pesquisadores reconhecidos implicaria excelente desempenho no ensino” (CUNHA; ZANCHET, 2010, p. 194).

Há a falta de uma política institucional que incentive, sistematize e promova concretizar uma proposta para avançar da aula enquanto sala de aula, até mesmo pelo fato de que há muito mais eficácia no tratamento do ensino de professores “quando há um projeto institucional que dá direção ao trabalho. A formação continuada precisa ser parte da mudança e não condição prévia” (FERNANDES, 2002, p. 109). Para a autora significa qualificar o fazer pedagógico do professor, em que o aluno possa criar, recriar ou simplesmente liberar sua imaginação à luz da ciência e a partir do seu mundo, da sua cultura, dos seus saberes com a mediação do professor, a fim de que o mesmo possa problematizar situações concretas, fundamentadas nos referenciais teóricos. O que, naturalmente, tornaria mais fácil a prática e continuidade da formação dos professores. Neste sentido, é necessário:

Trabalhar com a formação pedagógica do professor universitário buscando sua inserção para além da dimensão meramente pedagógica, como um sujeito da produção de saberes. Sujeito que produz sobre o que e como ensina. Essa possibilidade tem favorecido a articulação entre o epistemológico e o político, que sinalizam para a perspectiva de transformação de suas relações com o conhecimento e com outras formas de ensinar e aprender, numa relação diferenciada com seus alunos e com a universidade (FERNANDES, 2002, p. 109)

Embora haja muito a se fazer, é importante salientar a iniciativa de pesquisadores demonstrando que a preocupação se concretiza na prática de trabalhos realizados, estudando o tema. Mesmo que um docente no início do exercício precise, por vezes, chocar-se com a realidade, ele enfrenta situações complexas inerentes à profissão que lhe exigem preparo, mesmo que teórico de início, capaz de enfrentar as mais diversas situações. Daí que sua bagagem, sua cultura e seus saberes são valorizados, pois cada um vai congregando e estruturando seu saber pedagógico.

Neste sentido, penso que uma formação com base nos fundamentos que as ciências humanas propõem agregada ao olhar para a realidade social e tecnológica vá ajudar consideravelmente no fazer pedagógico do docente, principalmente quando o mesmo catalisa os conhecimentos para a humanização da sociedade.

O professor, conforme Cunha e Zanchet (2010), vive num mundo determinado e numa sociedade concreta, permeado por contradições e dúvidas deste tempo. No entanto, é um indivíduo com uma história, que vive no meio social e num núcleo familiar, o que possibilita interferir na construção de sua docência.

Dada complexidade dos fenômenos, os quais manifestam o ordenamento do mundo natural, os mesmos propiciam uma multiplicidade de mecanismos que se ocupam da diversidade de meios e de métodos que congregam a ciência, separando os mais variados conhecimentos de acordo com a proximidade conceitual, o que traduz nos ramos das ciências. É uma maneira de organizar a ampla compreensão através da fragmentação por caminhos específicos, que vão desde macro área de saber às especificidades científicas. Para Diderot (1952) pode-se denominar de diversificação de processos, que mesmo multiplicadamente ramificadas, há uma só espécie de protótipo ou primeiro ser, chamado natureza, da qual tudo provém. Daí que conhecer é compreender a natureza e suas características similares em seres aparentemente diferentes. Em qualquer dos processos utilizados para conhecê-la há de se guiar pelos principais meios, como

[...] a observação da Natureza, a reflexão e a experiência. A observação recolhe os fatos, a reflexão os combina, a experiência verifica o resultado da combinação. É forçoso que a observação da natureza seja assídua, que a reflexão seja profunda e que a experiência seja exata. Estes meios raras vezes se vêm reunidos (DIDEROT, 1952, p. 27).

O mesmo se aplica aos processos pedagógicos na formação do docente, um formador por excelência na sua prática cotidiana.

Mesmo que a nova ordem dada pelo capital globalizante atente para uma reconfiguração curricular favorável à produção de um conhecimento voltado ao consumismo é necessário lutar pelo resgate, na formação pedagógica dos professores, da função social da universidade que é estimular o espírito crítico e esclarecedor junto com a orientação para o exercício da autonomia do homem, principalmente a de pensamento.

## **Considerações**

Tendo em vista a reflexão acerca da temática abordada, na qual o debate profundo sobre a formação dos professores é imprescindível nos mais variados espaços, bem como dimensões do ser humano, é possível afirmar a necessidade em ressignificar conceitos relacionados à formação pedagógica, principalmente dos professores do ensino superior, uma vez que os mesmos estão envolvidos diretamente com a formação dos futuros profissionais e cidadãos que atuarão no meio social.

Nas últimas décadas ocorreram muitas mudanças na sociedade, por conta de diversos fatores sociais, políticos, humanos e institucionais com reflexo direto no cotidiano daqueles que preparam seu futuro na universidade. Neste sentido, os professores, que possuem responsabilidade direta sobre a formação das pessoas precisam estar preparados para darem conta das demandas formativas. Por isso a formação pedagógica, que é o saber fazer, saber ensinar, deve ser condição fundamental para o ingresso dos novos professores, assim como uma necessária ressignificação pedagógica aos demais para readequação conforme a exigência dos tempos.

Que a concretização de uma eficaz formação não seja iniciativa apenas das instituições pela sua reconhecida responsabilidade. Mas que venham acompanhadas de políticas públicas preocupadas em atender aos novos paradigmas no ensino, sem desconsiderar iniciativas existentes, porém, ainda insípidas. Uma formação em que a ciência se transforme em luz a esclarecer o mundo real sob o viés dos conhecimentos historicamente produzidos pelo homem a serviço do sua boa convivência com todos. Que a heterogeneidade das ciências seja o mergulho para superar o obscurantismo, servindo como caminho para a compreensão do real visando a emancipação social, uma vez que a viabilidade de possibilidade de um mundo melhor, mais humano, passa, necessariamente, pela compreensão do mundo físico, real, palpável e racional. Assim, a docência será a realização de uma adequada, imprescindível e permanente formação humana.

## **Referências**

CUNHA, Maria Isabel da; ZANCHET, Beatriz Maria Boéssio Atrib; **A problemática dos professores iniciantes: tendência e prática investigativa no espaço universitário**. IN: Educação, Porto Alegre: v.33, 2010.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

DIDEROT, Denis. **Obras Filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Edição e Publicações Brasil Editora S. A.. 1952.

FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. **Formação do professor universitário:** Tarefa de quem? In: MASETTO, Marcos T. (org) *Docência na Universidade*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MASETTO, Marcos T. **Aula:** ambiente de aprendizagem e de trabalho profissional do docente. São Paulo: Sumus, 2012.

ROMANO, Roberto. **Moral e Ciência:** a monstruosidade no século XVIII. São Paulo: Senac, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.